



5251 - Trabalho - 39ª Reunião Nacional da ANPED (2019)
GT02 - História da Educação

EDUCAÇÃO SEXUAL EM CAMPO GRANDE NOS ANOS 1930
Kênia Hilda Moreira - FUNDAÇÃO UNIVERSIDADE FEDERAL DA GRANDE DOURADOS

EDUCAÇÃO SEXUAL EM CAMPO GRANDE NOS ANOS 1930

RESUMO: Objetiva-se analisar a presença do tema educação sexual na revista mensal ilustrada *Folha da Serra*, que circulou em Campo Grande, Mato Grosso, entre 1931 e 1940, com 48 números. Questiona-se a relação entre os conteúdos ligados à educação sexual e o objetivo da revista, pela perspectiva da história da educação dos sentidos e das sensibilidades. Analisou-se o que motivou a publicação de temas sobre educação sexual, o conteúdo veiculado nos artigos, a autoria e a recepção pelos leitores. Conclui-se que a revista incorporou o discurso científico sobre a educação sexual como forma de evidenciar o “progresso e engrandecimento” do Estado. O periódico usufruiu da campanha que propunha a construção de uma moral médico-científica sobre o sexo, ao vincular as propagandas de consultórios médicos às publicações do CBES. Para além de enaltecer o vanguardismo do Estado com a presença de tais temas na revista, propondo uma nova educação dos sentidos e das sensibilidades, o periódico estrategicamente procurou lucrar, criando novos consumidores de médicos, ao vincular o discurso sobre a “verdadeira Moral Sexual”.

Palavras-chave: História da Educação. Imprensa. Educação sexual.

Folheando as páginas da revista mensal ilustrada *Folha da Serra*, chamou-nos atenção a quantidade de reportagens sobre educação sexual. *Folha da Serra* foi uma revista de diversidade, produzida na cidade de Campo Grande, Mato Grosso, entre 1931 e 1940, com circulação ampla em toda a região sul do Estado, totalizando 48 números. Considerando que seu objetivo enfático era contribuir com a “moderníssima parcela de boa vontade para o progresso e engrandecimento [...] de Mato Grosso” (REVISTA..., 1931, p. 13), questionamos a relevância de conteúdos ligados à educação sexual na construção desse objetivo do impresso.

A análise se pautou pela perspectiva da história da educação dos sentidos e das sensibilidades, atentos às “relações entre cultura e natureza”, à “dimensão material da vida” e à “corporalidade ao longo da história”, indo “além da esfera da escolarização”, percorrendo “outros tempos e espaços de educação social” (TABORDA DE OLIVEIRA, 2018, p. 119). Para responder aos questionamentos, fizemos um levantamento minucioso de reportagens que apresentaram tais temáticas na revista em análise e identificamos conteúdos indiretamente relacionados, que permitiram analisar conteúdos veiculados à volta da educação sexual no sul de Mato Grosso uno, nos anos 1930, com o intuito de identificar a criação de novos valores, ideias e sensibilidades em torno do assunto, por parte de autores e leitores da época.

A leitura dos artigos que compõem o *corpus* documental desta investigação permitiu constatar que a discussão sobre educação sexual presente nas páginas da *Folha da Serra* atendia aos reclames em âmbito nacional, da abertura da discussão sobre sexologia^[1]. Tal iniciativa surgiu no Rio de Janeiro, com o médico José de Oliveira Pereira de Albuquerque, que assina grande parte das matérias veiculadas no referido periódico. Nossa hipótese é a de que essa revista, com seu objetivo principal de contribuir para a modernização do Estado, considerava importante atentar-se aos temas em voga em âmbito nacional, como a educação sexual, conclamada na capital federal como um tema urgente e necessário para o fortalecimento da nação brasileira, de forma enérgica e coesa, inserindo novos valores e novas sensibilidades.

O médico José de Albuquerque criou, em julho de 1933, no Rio de Janeiro, o “Círculo Brasileiro de Educação Sexual” (CBES), uma entidade filantrópica, com o objetivo de promover uma reforma sobre a cultura sexual do povo brasileiro, com campanhas em jornais, revistas, panfletos, boletins e palestras^[2], em prol da modernização da cultura nacional (REIS, 2006; OLIVEIRA, 2012). O CBES, “no intuito de melhor coordenar esta propaganda, concebeu a organização de um ‘Círculo Jornalístico’ constituído de 780 jornais brasileiros” para auxiliar a obra deste Círculo, “levando aos pontos mais distantes do país o sopro animador de uma mentalidade nova” (ALBUQUERQUE, 1933b, p. 8). Seu objetivo, acreditamos, era instruir a população sobre a sexualidade numa perspectiva biológica, psicológica e moral, criando novos sentidos da educação do corpo pela educação sexual.

Além do *Boletim*, a *Folha da Serra* também divulgou notas a respeito de atividades promovidas pelo CBES, como o: “Posto Gratuito para Conselhos Sexuais”:

Está funcionando no Rio de Janeiro, em pleno desenvolvimento, o Posto Gratuito para Conselhos Sexuais, mantido pelo Círculo Brasileiro de Educação Sexual, e dirigido pelo Dr. Cunha Ferreira.

Destinado a fornecer aos indivíduos de ambos os sexos, conselhos sobre higiene e fisiologia sexual, este posto que se inaugurou há um mês apenas, vai tendo uma frequência deveras animadora”. (REVISTA..., 1934c, p. 29).

Observamos a eficiência logística do periódico, considerando que, apesar da distância geográfica entre Campo Grande, cidade do periódico, e a cidade do Rio de Janeiro, e da dificuldade de acesso a informação, poucos meses depois de os acontecimentos surgirem na capital federal, eram noticiados na *Folha da Serra*.

Outra observação diz respeito aos anúncios de médicos e consultórios médicos nas páginas em que o tema da educação sexual é apresentado. São dois, ambos no ano de 1935, nos últimos números que mencionam o assunto. A primeira anuncia o “Dr. A. L. De Almeida Boaventura”, especialista em vias urinárias e que trata “doenças venéreas e da pele”, atende no “consultório - Rua João Pessoa, n. 423 - Campo Grande”. (REVISTA..., 1934e, p. 31). O segundo anúncio, junto à matéria intitulada “a educação sexual e o combate ao curandeirismo”, é do “Dr. Alcindo Figueiredo”, que atende: “operações, clínica geral, especialmente doenças dos rins, pulmões e aparelho digestivo. Cura radical de hemorroides e

varises, sem operação”. No anúncio o destaque foi para os exames disponíveis: “Ondas curtas – Raio X – Diathermia – Eletricidade Médica”.

Tal constatação remonta a questões de ordem econômica, tomando por base as propagandas que geram lucro para o periódico. A RFS lucrava com a inserção dos valores em prol da nova educação sexual em suas páginas. E além de contribuir para a modernidade de Mato Grosso, criava novos consumidores de médicos. Os anúncios foram estrategicamente divulgados junto a matérias que tratam da educação sexual como questão médica, científica e moderna, pois defendia caber à medicina e não à religião abordar tal assunto. Além disso, a educação sexual deve ser vista pelo “combate ao curandeirismo” e a todos os tipos de superstições em competição com a ciência médica (REVISTA..., 1934f, p. 56).

Com base nessa conjuntura, o artigo está dividido em dois tópicos: 1. “Educação sexual: ciência ou ‘imoralidade?’”, expondo as divergências entre os discursos de moral religiosa e científica presentes nos artigos publicados; e 2. “Educação sexual no lar e na escola”, tratando de modo mais específico da educação sexual para crianças e adolescentes e sua relação com os pais e a escola.

1 Educação sexual: ciência ou “imoralidade”?

Começamos a gritar aos quatro ventos que sexualidade não é imoralidade. Isto, constituiu um verdadeiro escândalo e contra nós se insurgiu a grande massa de nosso povo.

[...] é com a maior satisfação, que vemos, muitos daqueles que a princípio se insurgiram contra nossos propósitos, formando hoje a nosso lado, em nossas fileiras!.

[...]

A despeito da heterogeneidade dos elementos que o compõe, o tribunal da opinião pública, ainda é, depois do tribunal da nossa consciência, o nosso melhor juiz!. (ALBUQUERQUE, 1934i, p. 30).

Os discursos proferidos em prol da educação sexual nas páginas da *Folha da Serra* [3], em conformidade com o CBES, apresentavam o tema com caráter de cientificidade, como uma reforma que pretendia substituir “as normas empíricas” por “normas científicas, calcadas nos postulados da biologia”, mas ainda assim era forte e constante a resistência por parte de diversas categorias sociais, alegando a “imoralidade” do assunto, como se pode perceber no desabafo do médico José de Albuquerque (ALBUQUERQUE, 1934i, p. 30).

Ao apresentar o CBES aos editores de periódicos de todo o país e oferecer gratuitamente a publicação dos conteúdos do *Boletim de Educação Sexual*, o médico Albuquerque alertava que

[...] estes assuntos requerem, quando tratado pela imprensa, muito tato e delicadeza, para que não ofendam nem de longe a falsa pudicícia de seus leitores, pelo que não se deve descer a detalhes técnicos, nem a nomenclatura de órgãos e funções, o que prejudicaria de certa forma a campanha, arregimentando de início uma avalanche de descontentes. (ALBUQUERQUE, 1933b, p. 8).

Tal discurso mostra as táticas da campanha dirigida por Albuquerque, atento às “delicadezas” que o tema requer, cuidando para convencer gradativamente o “tribunal da opinião pública”. Nesse sentido, o médico que escreveu em 1933 que “para muita gente, sexualidade é sinônimo de imoralidade” (ALBUQUERQUE, 1933a, p. 9), acredita, em 1934, ter vencido o preconceito e já contar com o apoio da opinião pública, tendo criado um ambiente capaz de permitir “o livre curso das verdades sexuais”. (ALBUQUERQUE, 1934i, p. 30).

Na mesma linha de raciocínio, José Firmo escreve, de forma entusiástica na *Folha da Serra*, sobre a abertura de espaço ao tema da educação sexual: “ha apenas alguns mezes atrás [...] o ambiente, si não era absolutamente hostil, era, pelo menos, indiferente á idéa”. Antes disso, “ninguém tinha a coragem de pronunciar com o mesmo timbre de voz, com que entabulava as suas palestras habituais, nada que se referisse ao sexo”. Entretanto, o autor acreditava que o início dos anos 1930 passava por vários “avanços” nesse quesito. “Vencemos todas as etapas iniciais, destruindo as sentenças pessimistas dos que previam o nosso fracasso, agarrados ás superstições”, conclui. (FIRMO, 1933, p. 7).

No entanto, apesar dos discursos de satisfação pela abertura social em relação à temática, após algumas publicações sobre educação sexual na *Folha da Serra*, o jornalista e polemista cuiabano, José Nonato, faz uma crítica enfática à Revista, questionando porque seu editor, Aguinaldo Trouy, permitiu que o tema da sexualidade – “praga transplantada da Europa e da América do Norte, dessas sociedades em franca dissolução” – tivesse espaço em seu periódico, com excertos “que ferem a sensibilidade das nossas patricias, e que tem por fim materialisal-as, animalisal-as, embrutece-as”:

Deixemos a sós o Dr. José de Albuquerque e os seus companheiros empenhados nessa obra má de corrupção da moral social brasileira, investindo, assim, de lança em riste contra o pudor, couraça natural com que a Providencia preserva a mulher da prostituição. Não; não auxiliemos esses inovadores, operários da corrupção da moralidade, base da família, alicerce da Patria. (NONATO, 1934, p. 8).

De acordo com o jornalista José Nonato, qualquer arte, ciência ou filosofia que “não tem por escopo o aperfeiçoamento moral da espécie, não é arte, não é ciência, não é filosofia, não é nada de valor”, mas são, ao revés, “concepções arbitrárias geradas em cérebros mórbidos, trabalhados pelo pecado”. (NONATO, 1934, p. 8).

A “franqueza da censura”, apresentada na carta de Nonato, é publicada na íntegra, segundo o editor Aguinaldo Trouy, o qual comenta que: “democraticamente”, tem aparecido na revista assuntos que, às vezes, “se contrastam e contradizem”. A *Folha da Serra* tem publicado, “sem pendores alguns de caráter político ou religioso”, diversos artigos do Círculo Brasileiro de Educação Sexual, com assuntos de “caráter científico, e que vem sendo objeto de acurado estudo por parte da ciência médica moderna”, mas que vem “chocar-se contra os preceitos da moral e também da religião, irreduzíveis em certos pontos”, afirma o editor. (REVISTA..., 1934d, p. 8).

No que diz respeito à acusação de Nonato, no que toca ao materialismo da educação sexual, cabe notar que em setembro de 1934 a *Folha da Serra* publica um artigo do médico Albuquerque intitulado: “Educação sexual não é materialismo”. O médico afirma ser um erro acreditar que “educação sexual seja uma tarefa inspirada em requintado materialismo”. Para o médico, “o donjuanismo é símbolo de inferioridade masculina e a ‘coquetterie’ de inferioridade feminina”. Segundo ele, “em consequência da falta de educação sexual, é que pululam os Don Juans e as ‘coquettes’” criaturas que apenas vêem

a vida pelo lado da satisfação material de seu instinto sexual” (ALBUQUERQUE, 1934k, p. 7).

Percebe-se que o tema em torno da educação sexual ganha as páginas da *Folha da Serra*, para além das publicações do *Boletim de Educação Sexual*, como pode ser observado no artigo “A Dança”, de autoria de Cecílio Rocha, para quem o “baile” é uma escola “viciada ou não, de sexualismo”. Para o autor “o baile é o ponto principal em que se converge a juventude moderna desejosa de maiores sensações sexuais” (ROCHA 1934, p. 18). Desse modo, busca, uma vez que “lutamos pelo saneamento físico e moral das raças, sobrepondo a dogmas religiosos preceitos científicos”, dar maior ênfase aos “ensinamentos sexuais, para que desse modo se evitasse que certos indivíduos consumassem atos impróprios a sua constituição físico-moral”, respeitando o “instinto sexual”, como pregava o médico Albuquerque.

No que se refere ao “instinto sexual”, a matéria intitulada “A voz do sexo” ressalta a importância de se escutar o “instinto sexual” não como uma “fera desenfreada e indômita”, como defendia o discurso popular, mas como uma lei da natureza, pertencente, portanto, ao campo da biologia. “Respeitem-se as leis biológicas que regem a sexualidade e então em vez do rugir da fera enraivecida, se ouvirá na plenitude de sua serenidade, pacífica e amena, a voz do sexo!” (ALBUQUERQUE, 1934g, p. 37).

Si se quiser impôr ao homem certas normas sexuais empíricas, dictadas pela sociedade, mas contrarias á natureza, o seu instinto sexual, de sereno e plácido que é, quando respeitadas as determinações biológicas, - tal como a féra, serena em sua jaula a quem se irrita - levanta-se impetuoso, e impetuoso tenta investir, contra quem o procura contrariar.

Por conseguinte, a culpa está no homem que “provoca”, e não no sexo que “reage”. (Ibid, p. 37).

O trecho acima enfatiza a importância de um novo olhar para a sexualidade, considerando o discurso biológico, em detrimento de uma “falsa moral de nosso povo” que vê com pudores e preconceitos o “instinto sexual”. Essas tentativas de educação das sensibilidades, a partir de novos sentidos sobre o sexo e a sexualidade, pressupõem uma nova relação com o corpo físico, em especial com os órgãos sexuais. A nova moral estabelece como um erro a abstenção da relação sexual como forma de garantir “graças sobrenaturais”, pela negação do prazer. Ao contrário, a nova moral estabelece que os órgãos sexuais, assim como os demais órgãos do corpo humano, são necessários “à conservação da saúde e ao equilíbrio geral do organismo” (Ibid, p. 37). A ênfase é dada à fisiologia do corpo. No entanto, em nenhum momento a nova moral condena a religião, mas sim a velha moral, baseada em preconceitos religiosos.

Trata-se de uma tentativa de inserir um novo sentido ao que era antes considerado como “instinto sexual”, que não devia ser negado, por tratar-se da biologia, da natureza do homem, devendo ser racionalmente controlado e respeitado, ao contrário do que professava a moral cristã. Tais explicações vão ao encontro do objetivo maior do CBES, de reeducar a população com novos valores sexuais, alcançando sensibilidades em prol da higienização e do combate as enfermidades, desligando-se plenamente do preconceito e do desconhecimento da biologia do sexo, ou da sexologia.

A sexologia é uma ciência que não poderá ser de forma alguma descurada, pelos homens públicos dos nossos dias, tal a complexidade e multiplicidade dos problemas sociais, diretamente ligados ao fator sexual e que a despeito de figurarem na ordem do dia, continuam entretanto insolúveis (ALBUQUERQUE, 1934b, p. 7).

No que diz respeito à sexologia, lembramos que, entre o final do século XIX e início do XX, houve uma ampliação do discurso sobre o sexo no Brasil, como apontam Russo e Carrara (2002) e Oliveira (2012), com ênfase para a década de 1930, quando surgem os primeiros profissionais e grupos voltados à institucionalização do estudo da sexologia, como o CBES. Nesse contexto, a sexologia e a psicanálise são denominadas as áreas por excelência para tratar o tema. No entanto, como lembram Russo e Carrara (2002), haviam relações conflituosas entre esses dois campos do saber, refletidos no mercado editorial, resultado da resistência às publicações sobre educação sexual e sexologia, em contraposição a abertura às produções que versavam sobre psicanálise.

Quanto às leis políticas para as questões ligadas ao sexo e à sexualidade nos anos 1930, ao tratar das “questões sexuais em face da política” na *Folha da Serra*, o médico Albuquerque reforça a necessidade de “instituir leis que visassem a difusão da educação sexual, para que não deixasse o homem se entregar às cegas à vida sexual, arriscando-se a toda sorte de danos que tal ignorância ou cegueira lhe acarretam” (ALBUQUERQUE, 1934b, p. 7).

Os defensores da difusão da educação sexual enfatizam que, justamente por ser científico, o tema devia ser tratado “em face da política”. A criação de uma “política do sexo” era algo em voga nessas discussões, considerando a importância de leis sobre: o controle de natalidade; o divórcio; a vida sexual dos detentos; contágio venéreo; a legalização do exercício da prostituição; dentre outros. (Ibidem, p. 7). Mesmo porque, como lembrou José Firmo ao introduzir o tema na Revista: “há cinquenta anos a ignorância sexual poderia ser uma virtude, hoje é um delito, e como todo delito, sujeito á penalidade”. (FIRMO, 1933, n. 26, p. 7).

Tendo como base uma “política sexológica”, de luta em prol da educação sexual na perspectiva científica, em oposição a definição de “imoralidade” apregoada, em especial pelo discurso religioso cristão, Albuquerque se candidata a deputado federal em 1937, propondo a criação de leis voltadas às questões sexuais, como descrito em seu *Programa de acção legislativa* (ALBUQUERQUE, 1937), com propostas ousadas, que ainda hoje são tratadas com alarde e apreensão. No entanto, apesar de o *Boletim* ter circulado até 1939, seu conteúdo perpassou as páginas da *Folha da Serra* apenas até 1935, o que fica como pergunta ainda não respondida sobre os motivos que levaram o referido periódico a suspender a divulgação do *Boletim*, se este circulou até 1939 e a revista até 1940. O que podemos afirmar é que, enquanto os conteúdos foram publicados na *Folha da Serra*, o intuito foi apresentar a cientificidade e, logo, a importância da educação sexual, em contraposição aos que viam no tema uma imoralidade.

2 Educação sexual no lar e na escola

E, a educação sexual, como disciplina escolar? Não falemos nisso, pois algum diretor de escola, mais esclarecido, nos ouvindo, será capaz de querer anexar ao programa de ensino do curso, mais essa disciplina, e, ai dele, poderá ser forçado,

no dia seguinte, a fechar definitivamente o estabelecimento, por não permitirem os pais dos alunos que seus filhos, tornem a travessar os humbrais daquela casa, onde os mandaram “puros” e os querem devolver “impuros e corrompidos” (ALBUQUERQUE, 1933a, p. 9).

Assim ironiza o médico José de Albuquerque ao tratar da educação escolar como disciplina: “esta infelizmente, é a mentalidade de nosso povo, no nosso tempo”. (Ibidem, p. 9). Apesar de acreditar que “não há educação completa sem educação sexual” (ALBUQUERQUE, 1934i, p. 30), o médico Albuquerque afirma, como enfatiza a nota na *Folha da Serra*, que:

Nas escolas, não há necessidade de uma cadeira de educação sexual, o que cumpre é que os mestres não criem na mentalidade infantil, o conceito de que a função sexual é imoral, envolvendo-a num halo de mysterio, nas disciplinas em que o assunto naturalmente se apresenta. (REVISTA..., 1934b, p. 28).

No ano de 1935, a matéria “Educação sexual nas escolas”, na edição número 39 da *Folha da Serra*, levanta novamente a questão sobre o tema como disciplina escolar. Albuquerque afirma mais uma vez que “não há necessidade de se criar uma cadeira de educação sexual, como se pretendeu fazer em alguns países, e como se procurou levar a efeito ultimamente no México”, o que levou à demissão do ministro da Educação daquele país. O médico é ainda mais entusiasta quando afirma: “somente os espíritos pouco esclarecidos a respeito de sexologia, podem ser partidários, da instituição nas escolas de uma cadeira especial de educação sexual”.

Voltando ao sexo como tema na sala de aula no Brasil, o médico José de Albuquerque afirmava que era suficiente:

Que o professor de história natural, ao ensinar aos alunos a constituição morfológica do corpo humano, não salte por cima dos órgãos sexuais masculinos e femininos, silenciando a respeito dos mesmos, quando, em relação aos demais órgãos e aparelhos, sua conduta foi outra, o que dá em resultado, servir-se a criança do nome particular de cada órgão, quando se quer referir a qualquer uma das partes do corpo, menos daquelas relativas aos órgãos sexuais, por serem estes, apenas conhecidos por elas e mesmo pelos adultos, pela nomenclatura da gíria, aprendida das fontes as mais suspeitas. (ALBUQUERQUE, 1935d, p. 58).

Tal abertura, entretanto, deve ser controlada. Ao tratar do funcionamento do organismo, o professor de história natural deve apresentar o tema “em linhas gerais, porque a mentalidade do aluno não está preparada a aprender detalhes -, dar lhes noções sucintas de como funcionavam os órgãos sexuais”. Afinal “nem tanto ao mar, nem tanto á terra. Nem o silencio sobre os fatos da sexualidade, nem o exagero de se querer dar-lhes uma situação de destaque no seio das disciplinas escolares”. (Ibidem, p. 58). Albuquerque expõe que, na cadeira de higiene geral, “que deveria existir em todas as escolas”, deve-se ensinar, “ao lado da higiene da respiração, da higiene alimentar, da higiene do vestuário, da higiene mental etc., a higiene sexual” (Ibidem, p. 58), completando assim os pontos sobre a educação sexual na escola.

E como compreender a higiene sexual? Albuquerque responde que ela vai além de profilaxia antivenérea, e não se restringe ao período da puberdade até o desaparecimento da atividade genital: “Há a educação sexual da criança, a higiene sexual do adulto, e a educação do velho”, e os marcos delimitadores dessas fases: “são o aparecimento da puberdade e o aparecimento do climatério”, não devendo ser marcados por datas fixas, “visto se manifestarem em idades diferentes, segundos os sexos e, para o mesmo sexo, segundo os indivíduos”. (ALBUQUERQUE, 1933c, p. 29).

Sobre o período ideal para tratar de temas da sexualidade, acreditava que as “verdades sexuais” deviam ser “reveladas” gradativamente, desde a infância, porque revela-las “somente a partir da puberdade, depois de se as haver deturpado na infância, é tão inglória tarefa, quanto o se pretender desentortiar o tronco de uma árvore, que propositalmente se entortou” (REVISTA..., 1934b, p. 28).

No que diz respeito aos discursos propagados na *Folha da Serra* sobre a quem compete a educação sexual, a revista destaca a seguinte afirmação: “A educação sexual deve ser iniciada pelos paes; continuada pelos mestres; e terminada pelos médicos”. (Ibidem, p. 28). Tal discurso privilegia a naturalidade e a cientificidade da questão. A principal resistência ao tema apresentava argumentos religiosos, afirmando que tratar de sexo seria um atentado ao pudor, uma imoralidade. Para tal argumento, Albuquerque afirmava, como destacado na *Folha da Serra*: “A educação sexual não atenta contra a moral de religião alguma, porque se funda nas verdades dos factos scientificos, que as próprias religiões ensinam a cultuar, com a sua advertência: “Não mentir”. (Ibidem, p. 28).

A educação sexual, portanto, consiste em dizer a verdade às crianças e adolescentes ao tratar de sexo, verdades científicas, seja no lar ou na escola, mantendo a conformidade com a moral religiosa. Nesse sentido, Albuquerque não se afasta dos códigos morais já estabelecidos, mas os utiliza, transformando-os em instrumentos legítimos de convencimento. Na construção dessa nova moral, de vertente científica, os saberes médicos passam a estabelecer o que é certo ou errado, moral ou imoral, propondo a interiorização de novas sensibilidades em relação a sexualidade, ou seja, criando uma nova moral de ordem e controle que não se afasta aos anseios das instituições reguladoras da sociedade da época, o Estado e a Igreja. Trata-se, na perspectiva da sociedade disciplinar (Foucault, 2007), da construção de novas verdades sobre o sexo, criando uma nova chancela de autoridade sobre o indivíduo e a população, por meio de verdades legitimadas pelo saber médico, dirigidas a ouvidos e situações autorizadas.

Tais argumentos em prol da ciência e da nova moral foram incorporados pelos médicos mato-grossenses. Exemplo disso é o texto do médico Dr. Peri Alves Campos sobre “Como iniciar a educação do bebê”. O texto publicado na *Folha da Serra* resulta de uma palestra ministrada por ele como parte da série de “palestras sobre a criança”, organizada pela Sociedade da Biblioteca de Campo Grande. No texto o médico enaltece a psicanálise, a eugenia e a pedagogia, “irmanadas na obra de libertação espiritual e moral do homem” (CAMPOS, 1935, p. 11).

No que diz respeito aos novos preceitos para a educação do bebê, o médico campo-grandense destaca o perigo de dar carinho à criança uma vez que “o organismo infantil não reclama nossos beijos, nem nossos abraços [...] tal proceder é supremamente criminoso porque despertando as crianças para a vida sexual torna-as nervosas, irritadas e preparadas para enormes sofrimentos posteriores”. Cabe aos pais controlar, pela observação atenta e inteligente, os hábitos e emoções das crianças, “afim de logramos educa-las cientificamente”. E sempre que os pais não souberem como tratar algum problema da criança, dessa natureza, “deverão procurar um médico que lhes poderá ensinar como proceder” (Ibidem, p. 11).

Sobre a imposição da figura do médico à família, Costa (1999, p. 77) afirma que foi “uma das mais importantes conquistas do movimento higienista”. Fazendo-se adotar por esta instituição, “o médico, combatia o desprestígio social de que era vítima e produzia uma nova fonte de benefícios econômicos”. E aos poucos, como afirma o autor, “o confessor e o filho-padre foram sendo substituídos por essa figura carinhosa e firme, doce e tirânica, o médico da família”. (COSTA, 1999, p. 77).

Sobre a educação sexual da criança, o médico Fernando do Valle reforça a importância dos fatores verdade e oportunidade: “Responder veridicamente, á altura da mentalidade infantil, as perguntas que os filhos formularem sobre as cousas do sexo, dis em que consiste a educação sexual da criança, pelos paes” (VALLE, 1934, p. 8). Segundo Albuquerque, “a criança que está habituada a ver sempre explicada da mesma forma por todas as pessoas, o porque do aeroplano voar; o porque do automóvel andar sem ser puxado por cavalo; o porque do telefone transmitir a voz á distância; etc.”, não se conforma com a “disparidade de respostas que lhe dão á pergunta relativa ao nascimento do irmão e por isso conclue, que lhe querem encobrir a verdade a este respeito e que a estão enganando” (ALBUQUERQUE, 1934f, p. 27).

A partir dessa data ela começa a lóbrigar com seus companheiros a respeito de como nascem as crianças. Indaga a tal respeito com os empregados da casa. Alguém lhe fala nos órgãos sexuais. Junta-se a seus companheiros para se examinarem mutuamente. Procura espiar pelo buraco da fechadura a irmãzinha, a mamãe, ou a empregada da casa, para ver se as consegue surpreender despidas. Com isso tudo, perde um tempo precioso, desperta a maledicência de seus companheiros e acaba por tornar mais arraigado no seu espírito, o conceito de imoralidade que se pretende ligar ao de sexualidade. (Ibidem, p. 27).

Em síntese, a educação sexual para Albuquerque não precisa entrar como disciplina escolar no currículo; deve obedecer exclusivamente ao fator “oportunidade”, seja no lar ou na escola. Ele prevê que a educação sexual seja iniciada pelos pais, continuada pelos mestres e terminada pelos médicos. Sobre a fase da adolescência, a revista destaca a seguinte afirmação:

Depois do individuo attingir a puberdade, o que lhe convém são iniciações claras e completas, ministrada por medicos e medicas, sobre tudo que diga respeito á sua sexualidade, para que se não venha a tornar victima inconsciente, das perversões sexuaes e das doenças venéreas. (REVISTA..., 1934b, p. 28).

O cuidado em distinguir entre médicos e médicas induz a pensar que os médicos atenderiam os meninos, e as médicas, as meninas. Inclusive porque nesse mesmo período, a Reforma Gustavo Capanema, a partir de 1934, não permitia a coeducação dos sexos nas escolas, o que significa dizer que não eram permitidas aulas mistas, para ambos os sexos, nem as mesmas oportunidades de aprendizagem. Como lembra Almeida (2006, p. 83): “o sistema coeducativo, ao pregar ensino igual para ambos os sexos, se confrontaria com os ditames católicos e com a natureza do povo brasileiro, que ainda considerava as questões morais superiores aos apelos da modernidade”. A coeducação foi, inclusive, um dos temas em disputa entre católicos e liberais nas décadas de 1920 e 1930 no Brasil.

À guisa de conclusão

A contribuição da educação sexual para a modernidade mato-grossense pressupunha, como vimos nas análises, dois elementos correlacionados: primeiro, era necessária falar abertamente sobre o tema da sexualidade, não podendo tratá-lo como inaudito; segundo, era crucial substituir a moral religiosa pela moral científica, ou seja, falar da sexualidade pela perspectiva racional, em conformidade com os discursos proferidos na capital do país. Nesse sentido, a *Folha da Serra* foi palco de relações de forças discursivas sobre a educação sexual, tentando estabelecer novos sentidos e sensibilidades para a sociedade mato-grossense, em conformidade com a nação moderna esperada nos anos 1930. Seus leitores acompanharam uma tentativa de impor a “verdadeira Moral Sexual” fundada nos postulados científicos da fisiologia e higiene sexuais, em detrimento da “velha moral”, pautada por “terríveis grilhões” que há tempos eram impostos equivocadamente à humanidade.

Como mostramos no primeiro tópico, o CBES, por meio dos Boletins e outros instrumentos discursivos, buscou enfrentar o enunciado que tratava a sexualidade como imoralidade, criticando o silêncio sobre as questões sexuais, que deveriam ser abordadas numa perspectiva biológica, com base nos códigos da ciência sexual, filiando-se aos preceitos da fisiologia e da higiene. No segundo tópico, que questiona a educação sexual como saber escolar, trata-se de matéria em torno da qual deveriam incidir estratégias de educação individual e social, incitada no lar, na escola e nos espaços públicos, rompendo com o silêncio de pais, pedagogos, médicos, jornalistas, parlamentares, juristas, mas de forma regulada. Não se tratava, como vimos, de uma liberdade sexual, mas de uma nova regulação, pois os preceitos científicos da educação sexual apresentados pelo CBES e pelo *Boletim*, sob coordenação geral do médico José de Albuquerque, não objetivaram separar totalmente os códigos morais socialmente impostos, mas de, por meio desses mesmos códigos, estabelecer uma nova moral, pregando novos sentidos, valores e sensibilidades no que se refere ao sexo e a sexualidade no Brasil dos anos 1930.

Evidenciamos que o tema em torno da educação sexual ganhou as páginas da RFS, para além das publicações do *Boletim de Educação Sexual*. Os editores da revista apresentaram artigos escritos por autores da região, que retomaram a importância da educação sexual, em especial para crianças e jovens, como no caso do artigo sobre a dança e sobre a educação do corpo dos bebês pelas mães. Acreditamos que a revista incorporou o discurso científico sobre a educação sexual proferido pelo médico Albuquerque, do Rio de Janeiro, como forma de evidenciar o “progresso e engrandecimento” do estado de Mato Grosso, atento ao que se apresentava de mais moderno nessa discussão. Além disso, como mencionamos no início, acreditamos que o periódico usufruiu da campanha promovida pelo CBES, que propunha a construção de uma moral médico-científica sobre o sexo, ao vincular as propagandas de consultórios médicos às publicações do CBES. Ou seja, para além de enaltecer o vanguardismo do Estado com a presença de tais temas na RFS, propondo uma nova educação dos sentidos e das sensibilidades, o periódico estrategicamente procurou lucrar, criando novos consumidores de médicos, ao vincular o discurso sobre a “verdadeira Moral Sexual”.

Referências e fontes

Fontes

ALBUQUERQUE, José de. *Introdução ao estudo da pathologia sexual*. Rio de Janeiro: Typ. Coelho, 1928.

_____. *Higiene sexual*. Rio de Janeiro: Livraria Freitas Bastos, 1929.

_____. *Moral sexual*. Rio de Janeiro: Typ. Coelho, 1930.

_____. Educação sexual. *Revista Mensal Ilustrada Folha da Serra*. Campo Grande, Mato Grosso, n. 26, nov., p. 9, 1933a.

_____. Círculo Brasileiro de Educação Sexual. *Correio Oficial*, Goiaz, 20 dez, p. 8, 1933b.

_____. Como compreender a higiene sexual?. *Revista Mensal Ilustrada Folha da Serra*. Campo Grande, Mato Grosso, n. 27, dez., p. 29, 1933c.

_____. Quem deveria Administrar a Educação Sexual às crianças?. *Revista Mensal Ilustrada Folha da Serra*. Campo Grande, Mato Grosso, n. 28-29, jan/fev., p. 46, 1934a.

_____. Questões sexuais em face da política. *Revista Mensal Ilustrada Folha da Serra*. Campo Grande, Mato Grosso, n. 30, mar., p. 7, 1934b.

_____. Os falsos Pedagogos da Sexualidade. *Revista Mensal Ilustrada Folha da Serra*. Campo Grande, Mato Grosso, n. 30, mar., p. 10, 1934c.

_____. O pretenso feminismo do século XX. *Revista Mensal Ilustrada Folha da Serra*. Campo Grande, Mato Grosso, n. 30, mar., p. 33, 1934d.

_____. Sexualidade não é imoralidade. *Revista Mensal Ilustrada Folha da Serra*. Campo Grande, Mato Grosso, n. 31, abr., p. 7, 1934e.

_____. Cogitações sexuais das Crianças. *Revista Mensal Ilustrada Folha da Serra*. Campo Grande, Mato Grosso, n. 31, abr., p. 27, 1934f.

_____. A voz do sexo. *Revista Mensal Ilustrada Folha da Serra*. Campo Grande, Mato Grosso, n. 32-33, maio/jun., p. 37, 1934g.

_____. Como estudar sexologia?. *Revista Mensal Ilustrada Folha da Serra*. Campo Grande, Mato Grosso, n. 32-33, maio/jun., p. 37, 1934h.

_____. Verdades Sexuais. *Revista Mensal Ilustrada Folha da Serra*. Campo Grande, Mato Grosso, n. 34, jul., p. 30, 1934i.

_____. A educação sexual na puberdade. *Revista Mensal Ilustrada Folha da Serra*. Campo Grande, Mato Grosso, n. 35, ago., p. 30, 1934j.

_____. Educação sexual não é materialismo. *Revista Mensal Ilustrada Folha da Serra*. Campo Grande, Mato Grosso, n. 36, set., p. 7, 1934k.

_____. *A Educação sexual pelo rádio*. Rio de Janeiro: Círculo Brasileiro de Educação Sexual, 1935a.

_____. Educação sexual no radio e na Televisão. *Revista Mensal Ilustrada Folha da Serra*. Campo Grande, Mato Grosso, n. 37-38, jan/fev., p. 31, 1935b.

_____. A educação sexual e o combate ao curandeirismo. *REVISTA Mensal Ilustrada Folha da Serra*. Campo Grande, Mato Grosso, n. 39, ago., p. 56, 1935c.

_____. A educação sexual nas escolas. *Revista Mensal Ilustrada Folha da Serra*. Campo Grande, Mato Grosso, n. 39, ago., p. 58, 1935d.

_____. *Programa de acção legislativa*. Rio de Janeiro: Typ. Do Jornal do Commercio, 1937.

_____. *Catecismo da educação sexual*. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1940.

_____. *O perigo venéreo na paz, na guerra e no pós-guerra*. Rio de Janeiro: Livraria Freitas Bastos, 1943.

_____. *Quatro letras, cinco lustros*. Rio de Janeiro: Gráfica Editora Jornal do Comércio S.A, 1958.

CAMPOS, Peri Alves. Como iniciar a educação do Bebê?. *Revista Mensal Ilustrada Folha da Serra*. Campo Grande, Mato Grosso, n. 39, ago., p. 11, 1935.

FIRMO, José. O que já se fez no Brasil em matéria de Educação sexual. *Revista Mensal Ilustrada Folha da Serra*. Campo Grande, Mato Grosso, n. 26, nov., p. 7, 1933.

NONATO, José. Um elogio = censura. *Revista Mensal Ilustrada Folha da Serra*. Campo Grande, Mato Grosso, n. 35, jul., p. 8, 1934.

REVISTA Mensal Ilustrada Folha da Serra. Campo Grande, Mato Grosso, n. 1, out., p. 13, 1931.

_____. *Boletim de educação sexual*. Campo Grande, Mato Grosso, n. 31, abr., p. 11, 1934a.

_____. *Notas de rodapé sobre educação sexual para jovens*. Campo Grande, Mato Grosso, n. 32-33, maio/jun., p. 28, 1934b.

_____. *Posto Gratuito para Conselhos Sexuais*. Campo Grande, Mato Grosso, n. 34, jul., p. 29, 1934c.

_____. Campo Grande, Mato Grosso, n. 35, ago., p. 8, 1934d.

_____. *Anúncio*. Campo Grande, Mato Grosso, n. 37-38, jan/fev., p. 31, 1934e.

_____. *Anúncio*. Campo Grande, Mato Grosso, n. 39, ago., p. 56, 1934f.

ROCHA, Cecilio. A Dança. *Revista Mensal Ilustrada Folha da Serra*. Campo Grande, Mato Grosso, n. 34, jul., p. 18, 1934.

VALLE, Fernando. A educação sexual no Brasil. *Revista Mensal Ilustrada Folha da Serra*. Campo Grande, Mato Grosso, n. 32-33, maio/jun., p. 8, 1934.

Referências

ALMEIDA, Jane Soares de. Mulheres na educação: missão, vocação e destino?: A feminização do magistério ao longo do século XX. In: SAVIANI, Dermeval et al. O legado educacional do século XX no Brasil. 2. Ed. Campinas, SP: Autores Associados, 2006.

COSTA. J. F. Ordem médica e norma familiar. Rio de Janeiro: Graal, 1999.

FIGUEIRÓ, M. N. D. *Educação sexual no Brasil: estado da arte de 1980-1993*. Dissertação (Mestrado). São Paulo: Instituto de Psicologia da Universidade de São Paulo, 1995.

FOUCAULT, Michel. *A história da sexualidade*. Vol. I. A vontade de saber. 18. ed. Tradução: Maria Thereza da Costa Albuquerque e J. A. Guilhon Albuquerque. Rio de Janeiro: Graal, 2007.

GUIMARÃES, I. *Educação sexual na escola: mito e realidade*. Campinas: Mercado de Letras, 1995.

MANIFESTO dos Pioneiros da Educação Nova. A reconstrução Educacional do Brasil. Ao povo e ao Governo. São Paulo: Companhia Editora Nacional, 1932.

OLIVEIRA, C. "Libertar o brasileiro de seu captivo moral": identidade nacional, educação sexual e família no Brasil da década de 1930. *Psicol. Soc.* [online]. vol. 24, n.3, p. 507-516, 2012.

RAGO, M. *Do Cabaré ao Lar: a utopia da cidade disciplinar – Brasil 1890-1930*. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1985.

REIS, Giselle Volpato dos. Sexologia e educação sexual no Brasil nas décadas de 1920-1950: um estudo sobre a obra de José de Albuquerque. 2006. 92 f. Dissertação (mestrado) - Universidade Estadual Paulista, Faculdade de Ciências e Letras, 2006. Disponível em: <<http://hdl.handle.net/11449/90330>>.

RUSSO, Jane Araujo. CARRARA; Sérgio Luis. A psicanálise e a sexologia no Rio de Janeiro de entreguerras: entre a ciência e a auto-ajuda. *História, Ciências, Saúde – Manguinhos*, Rio de Janeiro, vol. 9(2):273-90, maio-ago. 2002.

TABORDA DE OLIVEIRA, Marcus A. Educação dos sentidos e das sensibilidades: entre a moda acadêmica e a possibilidade de renovação no âmbito das pesquisas em História da Educação. *Revista História da Educação* (Online). Porto Alegre, v. 22, n. 55, pp. 116-133, mai/ago, 2018.

[1] Para uma compreensão da questão em âmbito nacional, conferir Oliveira (2012).

[2] José de Albuquerque publicou três livros sobre o assunto até 1930: *Impotência sexual no homem* (1928), *Higiene sexual* (1929) e *Moral Sexual* (1930). Os conteúdos desses livros são divulgados na década seguinte em sua intensa campanha em prol da educação sexual no Brasil, inserida no discurso dos debates do cientificismo no país, que se constituiu desde fins do século XVIII.

[3] Nas citações manteremos a grafia vigente na revista *Folha da Serra*. Destacamos que durante os anos 1930 a ortografia portuguesa passa por mudanças, como o Acordo ortográfico entre Brasil e Portugal firmado em 1931 e revogado em 1934, o que explica a mudança na grafia de uma mesma palavra durante os anos de vigência do referido periódico